

Apresentação

CONDIÇÃO E TRÂNSITO? ARTICULANDO AS CATEGORIAS GÊNERO E GERAÇÃO

*Márcio Ferreira de Souza (UFU/NEGUEM)**

Mônica Franch (UFPB)

Estudos de gênero e de geração possuem, histórica e conceitualmente, afinidades importantes, mas também notáveis diferenças. Ambas as dimensões trazem como desafio o diálogo natureza/cultura, refletindo sobre o modo como socialmente se atribuem significados ao dimorfismo sexual (estudos de gênero) e às mudanças corporais advindas da passagem do tempo (estudos de geração). Ambos os recortes dizem respeito à distribuição de poder e prestígio nas sociedades, compondo o campo mais amplo dos marcadores sociais da diferença. Contudo, é inegável que gênero é muito mais reconhecido enquanto marcador social do que geração. Junto com classe e raça/etnia, o gênero faz parte da ‘tríade nobre’ dentre as diferenças, despertando enorme interesse dos estudiosos, quer seja de forma isolada ou em articulação às duas outras dimensões mencionadas. Já os estudos de geração encontram-se facilmente desdobrados em estudos específicos, concentrando-se em determinadas idades em detrimento de outras – velhice, juventude e, recentemente, também infância. São ainda esparsos os estudos que articulem, de forma sistemática, gênero e geração¹.

Cabe perguntar o porquê da menor visibilidade de geração, quando comparada a gênero, como matriz produtora de diferenças e desigualdades. Uma hipótese que podemos levantar é de ordem política. Enquanto os estudos de gênero possuem uma relação intrínseca (embora nem sempre harmônica) com o feminismo, não existe, do ponto de vista da geração,

* Organizadores do DOSSIÊ.

¹ Não faremos, aqui, um levantamento desses estudos. Lembremos, apenas, que no Brasil um dos trabalhos pioneiros foi a coletânea *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes no Brasil*, organizada por Felícia Madeira (1997). Trabalhos que focam a temática da sexualidade frequentemente estabelecem diálogos com questões relativas a determinadas fases da vida, principalmente adolescência e juventude, como, por exemplo, as produções derivadas da pesquisa *Gravada – Gravidez na Adolescência* (ver HEILBORN et al., 2009), e aquelas realizadas por Jorge Lyra da Fonseca (1998) sobre paternidade adolescente. No campo das culturas juvenis, damos destaque ao trabalho de Wivian Weller (2005) e assinalamos a proliferação existente de trabalhos sobre juventude e diversidade sexual (ver, por exemplo, FRANCH, 2013). No que diz respeito gênero e envelhecimento, destacamos os trabalhos desenvolvidos por Miriam Lins de Barros (2006) e Alda Motta (1998, 1999), ambos como foco nas mulheres, e as pesquisas de Júlio Simões sobre velhice e curso da vida (2004). Os trabalhos de Parry Scott frequentemente tentam pensar de forma dinâmica o curso da vida em sua relação com as disposições de gênero, reatualizando os estudos sobre ciclos familiares em diversos contextos sociais (SCOTT, 2010; SCOTT; FRANCH, 2004; SCOTT; QUADROS; LONGHI, 2003).

um sujeito coletivo demarcado, que alimente a frutífera relação militância/academia existente quando o assunto é gênero. É certo que, em determinados momentos, aposentados e jovens emergem como sujeitos políticos, mas não observamos uma continuidade temporal na construção desses movimentos, limitando-se sua importância aos trabalhos de gerações históricas determinadas – a geração de 69, a geração dos caras-pintadas etc. – ou de grupos específicos – jovens do *hip hop*, movimento dos aposentados, entre outros.

Além disso, as demandas de gênero nem sempre ocuparam um lugar central nos movimentos que põem em evidência questões de geração. Tomando como exemplo as manifestações coletivas juvenis, não é raro encontrar uma indiferença em relação às questões de gênero, ou até um reforço às divisões tradicionais de papéis, entre grupos que se apresentam como alternativos em muitos outros aspectos. Já entre os movimentos que visam à igualdade de gênero, a equação se inverte, e são as questões de geração que perdem visibilidade. Historicamente, pouca atenção tem sido dada às questões de geração pelo movimento feminista, cujas lutas costumam ter como sujeito-ideal a mulher adulta, frequentemente em idade reprodutiva. Podemos afirmar que existe uma pendência ou dívida histórica do feminismo em relação a certos grupos etários, notadamente os idosos, ou, melhor dizendo, as mulheres idosas². A ausência do cruzamento gênero/geração no campo do ativismo tem seu reflexo no campo acadêmico, existindo importantes lacunas no debate sobre gênero e geração, em seus mais diversos aspectos – políticas públicas, culturas juvenis³, participação, sociabilidade etc.

Do ponto de vista epistemológico, existe também uma diferença quanto à abrangência e potencial heurístico das categorias gênero e geração. Se considerarmos que gênero, como queria Joan Scott (1995), é uma categoria analítica, seu uso nos permite aglutinar estudos com sujeitos empíricos diversos – homens e mulheres, em suas relações recíprocas ou exclusivas. Já no caso das gerações, dos três possíveis sentidos atribuídos a esse termo (geração como experiência histórica, geração como momento do curso da vida ou geração como posição no grupo familiar), apenas nesse último caso geração se aproxima de uma categoria de análise. Ao pensarmos geração em relação ao curso de vida (recorte

² A invisibilidade da mulher idosa nas lutas feministas é muito pertinentemente apontada pela antropóloga Alda Motta (2009), que contribui com este dossiê.

³ O androcentrismo dos estudos sobre culturas juvenis foi denunciado, de forma bastante precoce, por Angela McRobbie e Jenny Garber (1975). Todavia, estudos recentes confirmam a invisibilidade dada ao feminino nos estudos sobre culturas juvenis (WELLER, 2005).

priorizado neste dossiê), costumamos cair em estudos específicos – sobre jovens, idosos e, de forma mais recente, sobre crianças. Fazendo um paralelo com gênero, podemos arriscar a dizer que os estudos sobre infância, velhice e juventude ocupam, no campo das gerações, um lugar bem próximo aos *women's studies* em relação aos estudos de gênero: lançam luz sobre realidades específicas de cada grupo etário, mas não nos permitem construir uma sociologia ou uma antropologia das gerações ou das idades da vida⁴. Dito de outro modo, é fácil identificar estudos que partem das gerações enquanto categoria empírica e não tantos que tentem, de fato, compreender a geração como um elemento constituidor de dinâmicas fundamentais da sociedade (categoria analítica⁵).

Esse aspecto dos estudos de gerações nos permite compreender, inclusive, o pouco interesse que os adultos despertam enquanto idade. Uma vez que o processo de nascer/amadurecer/morrer (o tempo vital) não recebe a atenção analítica necessária, também não há a compreensão de que a idade/geração seja uma categoria relevante ao longo de todos os momentos do curso da vida das pessoas, definindo relações entre grupos distintos – adultos e crianças, adultos e jovens, adultos e idosos – e dentro do mesmo grupo etário – ‘trintões’, ‘quarentões’, ‘coroas’ e ‘grisalhos’ e assim por diante⁶. O indivíduo adulto ocupa, deste modo, o lugar central e definidor dos outros enquanto idades, estando ele próprio acima da classificação etária. Assim temas como família e trabalho, que têm como seus protagonistas pessoas ‘adultas’, frequentemente prescindem de qualquer reflexão a respeito da forma de construção da pessoa adulta ligada a tais questões – adulto como trabalhador, como pai ou mãe etc.

Aqui, mais uma vez, é possível traçar um paralelo com os estudos de gênero. Até o advento dos recentes trabalhos da chamada teoria *queer*, gênero era apresentado como uma condição construída, porém permanente na vida dos indivíduos. Ninguém nasce mulher, nos advertia Simone de Beauvoir, torna-se, e esse seria um trabalho para a vida toda. Contrariamente, a idade é, por definição, transitória. Apesar de vivermos numa época em que a juventude é um valor, os estudos sobre gerações, ao lançar luz sobre os enquadramentos

⁴ Ver, a esse respeito, o artigo de Carles Feixa (1996) sobre a formação recente de um campo de “antropologia das idades”. Para uma tentativa de realizar uma antropologia das idades no Brasil, ver Muller (2009).

⁵ O trabalho de Adriana Piscitelli (2002) permite diferenciar, histórica e conceitualmente, o uso de categorias empíricas *versus* analíticas no campo de gênero.

⁶ Referenciamos o trabalho de Guita Debert (2004) sobre as razões da invisibilidade ou ‘crise’ da idade adulta e os trabalhos de Langevin (1987, 1992, 1998) que refletem, de forma relacional, questões relativas aos tempos sociais do curso da vida.

morais a que somos submetidos em função de nossas (diferentes) idades, nos lembram que a passagem do tempo é irreversível. Condição *versus* trânsito, o cruzamento das categorias gênero e geração é, de certo modo, uma articulação das dimensões diacrônicas e sincrônicas do viver social, do que muda e do que se mantém, sugerindo que, no fundo, tudo se transforma ao mesmo tempo em que permanece.

Por todos os motivos acima acreditamos que o tema gerações vem se apresentando como um importante recorte, no campo de estudos de gênero, para as reflexões acerca das relações sociais. A presente edição do *Caderno Espaço Feminino*, reconhecendo a importância da referida temática apresenta o dossiê “Gênero e Gerações” com o objetivo de dar visibilidade às pesquisas realizadas sobre o assunto. Os artigos incorporados no presente volume estão calcados em múltiplas abordagens, a partir de análises teóricas e do desenvolvimento de pesquisas empíricas, produzidas em campos de estudos diversificados das áreas das ciências humanas.

O texto de abertura do dossiê, intitulado *A juvenilização atual das idades*, de autoria da professora Alda Britto da Motta (UFBA), se apresenta como uma significativa reflexão sobre as contradições presentes na sociedade no que diz respeito ao tema das gerações e, especificamente, à longevidade. A autora alerta que “a longevidade crescente das populações tem sido acompanhada por um juvenescimento que está se fazendo ao longo da trajetória de todas as idades”. Em sua observação acerca do desenvolvimento do percurso geracional das populações, reconhece o processo de “juvenilização” como termo chave para a reflexão que diz respeito ao recorte analítico sobre as idades. Muitos são os fatores que corroboram para o processo de “juvenilização” das idades e, no que diz respeito às populações maduras, afirma a autora, “o avanço da medicina e as condições atuais de maior acessibilidade dos serviços de saúde pública, além do alcance cada vez mais amplo dos sistemas de comunicação e informação sobre eles, têm ensejado que as pessoas mantenham boas condições físicas e cognitivas por um tempo cada vez mais ampliado, podendo os idosos atuais compararem-se vantajosamente a pessoas com até dez a vinte anos menos de tempos passados”. Contraditoriamente, as crianças vivem um processo contínuo de adultização precoce que, no dizer da autora, é “próprio à atual sociedade de consumo, que se expressa em várias dimensões, inclusive no que lhes seria mais inerente: a socialização através do brinquedo. Agora “desbrincam” com bonecas que trazem seus nomes e “identidades” de fábrica, e com artefatos tecnológicos que exigem pouca imaginação e inventividade e uma racionalidade

“adulta” para o seu manejo”. O artigo é um irrecusável convite à reflexão sobre a tendência rejuvenescedora da população, como importante componente simbólico, sem perder de vista a importância do componente de classe em sua análise.

A antropóloga Mirian Goldenberg (UFRJ), no artigo *Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira*, desenvolve uma discussão sobre o papel do corpo como uma importante forma de capital, em seus aspectos físico, simbólico e social na cultura brasileira. Para tanto, utilizando-se de Pierre Bourdieu (2007) como importante base teórica, se lança no desafio de revelar o que considera “os traços distintivos de uma cultura em que o corpo é um elemento crucial na construção de uma identidade nacional”. Para a pesquisadora, o caso brasileiro, em observação comparativa com o universo das mulheres alemãs, permite afirmar que o corpo, em nossa cultura, se configura como um capital. Neste sentido, complementa sua argumentação afirmando que o corpo, enquanto capital, talvez seja “o mais desejado por indivíduos das camadas médias urbanas e também das camadas mais baixas, que percebem o corpo como um veículo fundamental para a ascensão social, e também uma forma importante de capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado erótico”. A noção de corpo distintivo como capital está calcada na tentativa de conquista por “um corpo jovem, magro, em boa forma, sexy; um corpo que distingue como superior aquele que o possui; um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício”.

O artigo *Mais mulheres envelhecem que homens – movimento da academia na última década do século XX*, produzido por Ana Maria Marques (UFMT) é fruto de uma pesquisa de doutorado em História, na qual a autora busca apontar para o significativo aumento do número de mulheres com mais de 65 anos de idade no Brasil, em relação a 20 anos antes. A partir de tal constatação, a autora desenvolve suas reflexões com atenção para as políticas acadêmicas de inclusão da terceira idade nas universidades. A relevância do artigo decorre do pioneirismo da iniciativa do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina (NETI/UFSC). Em sua análise a autora aponta criticamente para os interesses e as fragilidades dos primeiros trabalhos acadêmicos defendidos no referido Núcleo.

O artigo *(Trans)versalidades de gênero e geração nas políticas sociais: o lugar das mulheres e idosos*, escrito por Márcia Santana Tavares (UFBA) e Josimara Delgado (UCSAL), traz uma abordagem instigante e questionadora sobre a maneira como as políticas

públicas vêm sendo elaboradas no Brasil, no que tange às relações de gênero e às questões geracionais. As autoras procuram mostrar como tais políticas se alimentam de representações tradicionais sobre o lugar das mulheres e dos idosos na dinâmica familiar e social, ora reproduzindo imagens vitimizadoras que não reconhecem o papel atual dos sujeitos (no caso dos idosos), ora reforçando desigualdades que naturalizam papéis sociais socialmente construídos (no caso das mulheres). Trata-se de uma análise oportuna, no momento em que o Brasil completa dez anos de Bolsa Família.

O artigo seguinte, intitulado *Rapazes, trajetórias e masculinidades em movimento*, de autoria de Márcia Reis Longhi (UFPB), desenvolve uma reflexão sobre masculinidade(s) a partir das trajetórias de três jovens moradores de uma comunidade pobre do Recife. Trata-se de um trabalho bem embasado etnograficamente, que propõe um cruzamento de categorias, com especial ênfase nas questões de geração, gênero, espaço social e tempo. O enfoque do artigo demonstra originalidade ao eleger um grupo usualmente descrito pelo viés da violência e mostrá-lo, contrariamente, em sua positividade.

O artigo *Jovens cortadores(as) de cana: identidades de gênero e projetos de futuro*, de Maria Madalena Graciolli (Fundação Educacional de Ituverava/SP) e Maria Lúcia Vannuchi (UFU) apresenta dados de uma pesquisa sobre trajetórias e projetos de futuro entre jovens cortadores de cana, da região de Ribeirão Preto, interior paulista, analisando semelhanças e diferenças de acordo com as expectativas sociais de gênero e as oportunidades oferecidas. Sua base empírica tem como apoio questionários que permitem a análise da interseccionalidade de gênero, juventude e classe social. Trata-se de um estudo relevante, uma vez que parece caminhar na contramão da retórica oficial de melhora das condições de emprego e escolaridade para a juventude brasileira. Também é de interesse o fato de dar visibilidade às jovens cortadoras de cana, categoria pouco presente quando se pensa na inserção de jovens mulheres no mundo do trabalho.

Com foco na adolescência, o texto *“Ficar é...”: um código de relacionamento entre adolescentes* procurou analisar o “ficar” entre adolescentes, dos gêneros masculino e feminino, na faixa etária entre 15 a 17 anos. Sua base empírica inclui a observação, o questionário semiestruturado e os grupos de discussão. Seus autores, Vandelucia F.F. de Sousa, Maria Lúcia da Silva Nunes e Charliton José dos Santos Machado, todos da UFPB, buscaram compreender as diversas formas de manifestação da sexualidade desse grupo etário

através do código de relacionamento (o “ficar”) e se lançaram ao empreendimento da análise da sua representação para esses jovens. O trabalho traz uma reflexão a respeito da adequação desse modo de relacionamento com a ambiência atual, no que diz respeito à construção de relações afetivo-sexuais e, conforme os autores, a valorização do “ficar” pelo adolescente se configura “num momento em que ainda não deseja constituir vínculos numa visão perpassada pelas concepções de gênero. Apesar de sintonizado com uma maior abertura para as questões que envolvem sexualidade, convive com uma contradição expressa através de antigos valores que ainda fundamentam a visão da sexualidade entre os gêneros”.

Fechando o dossiê, o artigo “*A pesquisadora do crime*”: *notas antropológicas de uma arriscada observação participante com mulheres praticantes de atividades ilícitas*, assinado por Luciana Ribeiro de Oliveira (UFPE), procura relatar e analisar os fragmentos, as percepções e alguns questionamentos obtidos durante o trabalho de campo realizado pela autora para o seu estudo de doutoramento em antropologia. Apresenta como foco o percurso metodológico e as questões éticas envolvidas na sua pesquisa com um grupo com um grupo social específico: mulheres jovens envolvidas em crimes exercendo posição de liderança. Através da análise dos dados, a autora procurou ampliar as discussões em torno das temáticas de gênero, geração e criminalidade, desenvolvendo seu trabalho a partir da apreciação de um conjunto de entrevistas e conversas com as interlocutoras, focando nas suas compreensões, escolhas e significações sobre o ser mulher, jovem e praticante de atividades ilícitas.

Em síntese, os artigos que compõem o dossiê mostram, de maneiras diversas, a pertinência de atentarmos cada vez mais para o cruzamento das dimensões de gênero e geração, como forma de trazer à tona dinâmicas importantes na sociedade contemporânea. A presente edição, além dos artigos que compõem o dossiê “Gênero e Gerações”, conta com mais três artigos e uma resenha. Em *Discurso, poder e a moralidade (in)desejada da Chapeuzinho Vermelho na mídia*, Denise Gabriel Witzel (Unicentro-PR), com base em teorizações da análise do discurso, que apontam a relação do sujeito com o controle dos poderes de que trata Michel Foucault, dedica-se ao estudo sobre a (re)produção de subjetividades e de identidades do feminino. Para tal empreitada, a autora focaliza o funcionamento discursivo de peças publicitárias impressas que retomam interdiscursivamente enunciados que se consolidaram nos tradicionais contos de fadas, particularmente no clássico *Chapeuzinho Vermelho*.

O sexo e a cidade: notas sobre as sexualidades e a vivência no swing, de Edson Peixoto Vasconcellos (UEPB) se propõe a refletir sobre o lugar do sexo na cidade buscando, a partir desse ponto, configurar, de maneira apropriada, os pontos que constroem a relação existente entre a cidade e práticas como a do swing. Tais reflexões partem de alguns questionamentos, a saber: como o swing enquanto uma prática erótica se configura em uma especificidade do ambiente urbano? Como as cidades se configuram como territórios para a manifestação de atitudes relacionadas ao sexo e consideradas “liberais”? Em que sentido questões como a impessoalidade, as dimensões territoriais e o enfraquecimento de noções como a de comunidade vão corroborar para que submerjam individualidades múltiplas?

Em *Gênero: um sujeito essencializado ou um conceito que ultrapassa um paradigma*, Lara Macedo Ribeiro de Oliveira Mujali e Eliane Schmaltz Ferreira, ambas da UFU, estabelecem uma discussão teórica sobre a noção de sujeito e acerca da construção do conceito de gênero. As autoras ancoram-se em estudos que se contrapõem ao paradigma racionalista do sujeito unitário, universal e essencializado, focalizando elaborações teóricas que escapam à matriz hegemônica de conhecimento dominante e totalitário, para proceder à discussão política e metodológica sobre o gênero, sobre um sujeito em desconstrução e não essencializado.

O livro de Nádia Meinerz, *Entre mulheres. Etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre* (EdUERJ, 2011), é o foco da resenha de Jainara Gomes de Oliveira (UFPB). Esta publicação trata-se de uma pesquisa etnográfica que, na afirmação da resenhista, se compromete “para além do diálogo teórico-metodológico com os estudos de gênero e sexualidade nas Ciências Sociais” e “busca oferecer subsídios para a implementação de uma plataforma política de direitos sexuais e reprodutivos vinculada à promoção dos direitos humanos”.

Agradecemos, por fim, a todas as pessoas que colaboraram para a concretização deste mais recente volume do *Caderno Espaço Feminino*, na expectativa de que o mesmo possa contribuir para uma maior visibilidade à temática da geração como matriz produtora de diferenças e desigualdades.

Referências

BARROS, M. M. L. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: BARROS, M. M. L. (org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.17-37.

DEBERT, Guita Grin. *A cultura adulta e a juventude como valor*. ANPOCS, Caxambu, 2004.

FEIXA, Carles. "Antropología de las edades". In: PRAT & MARTÍNEZ (orgs.). *Ensayos de Antropología Cultural. Homenaje a Claudio Esteva-Fabregat*. Barcelona, Ariel, 1996.

FRANCH, Mónica. Juventudes Coloridas. Sociabilidade, consumo e subjetividade entre jovens LGBT em João Pessoa. *Revista Latitude*, 2013 (no prelo).

LANGEVIN, Annette. Rythmes sociaux et reinterpretation individuelle dans le parcours da vie. *Les Annales de Vaucresson*, no. 26, 1987, p.169-177.

_____. Rapports aux temps sociaux et division sexuée. *Cahiers du Gedisst*. Iresco, CNRS, n° 3, 1992, p.41-47.

_____. A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. *Caderno CRH*. Salvador, n.29, jul./dez.1998, p.129-149.

LYRA DA FONSECA, Jorge. "Paternidade adolescente: da investigação à intervenção". In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, Benedito (Orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998. p. 185-214.

MADEIRA, Felicia (org.). *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes no Brasil. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.

McROBBIE, Angela; GARBER, Jenny. "Girls and Subcultures." In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (eds.). *Resistance Through Rituals*. Youth Subcultures in Post-War Britain. London: Hutchinson; Birmingham: The Center of Contemporary Cultural Studies from the University of Birmingham, 1975. p. 209-222.

MULLER, Elaine. Repensando a problemática da transição à adultez: contribuição para uma antropologia das idades. *Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, n. 31, setembro de 2009, pp. 107-125.

MOTTA, Alda. Gênero, família e fases do ciclo de vida. In: _____. (org.). *Dossiê: Gênero e Família*. Caderno CRH, Salvador, n. 29, p. 13-20, 1998.

_____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, v. 13, Campinas, p. 191-221, 1999.

_____. *Violência contra as mulheres idosas – Questão feminista ou questão de gênero?* Rio de Janeiro, Congresso da LASA, 2009.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a categoria mulher?. In: Algranti, Leila Mezan. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002, v. 48, p. 7-42.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SCOTT, Parry. Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. *Sociedade e Estado* (UnB. Impresso), v. 25, p. 251-284, 2010.

_____. ; FRANCH, Mónica. Jovens, moradia e reprodução social: processos domésticos e espaciais na aquisição de habilidades e conhecimentos. *Estudos de Sociologia* (Recife), v. 7, p. 95-126, 2004.

_____.; QUADROS, Marion; LONGHI, Márcia. Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva. *Revista Brasileira de Estudos da População*, Campinas, v. 19, n.1, p. 209-228, 2003.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: Psicitelli, Adriana at alli (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.